

Após uma greve de três dias

Alunos de Letras ameaçam endurecer formas de luta

Os estudantes de Letras de todo o País vão «endurecer as formas de luta», afirmou ontem o dirigente associativo Leonel Nunes, durante uma conferência de imprensa, para fazer o balanço da greve de três dias efectuada em Lisboa.

UMA ADESAO TOTAL. «uma participação muito boa, com a Faculdade cheia de gente, sem que tivesse havido quaisquer aulas ou testes» é a apreciação feita pela direcção da Associação de Estudantes, que anunciou ontem a disposição de «sair da Universidade e ir para as ruas», com o processo de reivindicação estudantil.

«O ministro da Educação recusa o diálogo e, em vez disso, faz demagogia na Comunicação Social», afirmou o aluno da FLL, acrescentando que, caso se mantenha a indisponibilida-

de do governante, se efectuará, entre 9 e 14 de Março, uma semana de intensificação da luta, a nível nacional, com uma marcha no dia 13.

No mesmo dia, os representantes dos estudantes de Letras de todo o País serão recebidos na Presidência da República e, neste momento, enviam esforços para apresentar as suas posições no seio da comissão parlamentar de Educação, da Assembleia da República.

Segundo outro dirigente associativo, José Moreira, «o caso de Letras faz notar problemas que existiam, noutras faculdades». Citou, a título de exemplo, manifestações de descontentamento, que começam a surgir na ESBAL, no ISEF, em Direito, em Farmácia, em Medicina e na Escola Superior Náutica, tendo todos eles como pano de fundo, como disse ao DN Leonel Nunes, «a crise pro-

funda e estrutural do ensino em Portugal, face à qual o movimento estudantil está a alastrar».

O que está a acontecer agora, comentou, «sucederia a qualquer Governo. O problema está na forma como este está a tratá-lo».

Os estudantes de Letras dirigiram ontem ao ministro da Educação uma «carta aberta», em que justificam a sua acção com a discordância relativamente à imposição de uma reestruturação e ao aparecimento de um novo *numerus clausus* e com o objectivo de conseguir uma correcta apreciação de um novo regime de transição, de novas saídas profissionais, pela salvaguarda da qualidade do ensino público e pelo direito ao trabalho.

Entretanto, alunos, professores e funcionários da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra recusaram ontem, em assembleia geral de escola, o que designam como «função profissionalizante» dos cursos e defenderam que a sua função é «formar licenciados culturais e cientificamente capazes de vi-rem a exercer várias profissões no mundo do trabalho».

Especificaram que «toda a formação profissional deve ser posterior à formação académica e deve ser ministrada nos lugares ligados à profissão ou competentes para o fazer», e rejeitaram ainda a introdução de cadeiras profissionalizantes ou psicopedagógicas, como cadeiras curriculares nas licenciaturas em Letras.



Dirigentes associativos de Letras anunciaram uma semana de luta para o período de 4 a 14 de Março, com uma marcha nacional sobre Lisboa no dia 13

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito - Estudantes

